



# A IMPORTÂNCIA DA INTERSECCIONALIDADE PARA O ACOLHIMENTO E A INCLUSÃO DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

The Importance of Intersectionality in  
Supporting and Including Women Survivors  
of Violence

Ana Beatriz de França Donato<sup>1</sup>  
ana.franca01@souunit.com.br

Beatriz Costa Pinto de Mendonça<sup>2</sup>  
beatriz.cpinto@souunit.com.br

Carlos Guilherme Menezes Rezende<sup>3</sup>  
carlos.gmenezes@souunit.com.br

Heloisa Carolina Cardoso da Silva<sup>4</sup>  
heloisa.carolina@souunit.com.br

Luann Fernando Figueiredo Chaves Teles<sup>5</sup>  
luann.fernando@souunit.com.br

Mariana Mello Rocha Deda Chagas<sup>6</sup>  
mariana.mrocha@souunit.com.br

Pedro Omar Mukitar Diniz Sebastião<sup>7</sup>  
pedro.omar@souunit.com.br

Rute Nunes Costa<sup>8</sup>  
rute.costa@souunit.com.br

Yasmin Batista Santana<sup>9</sup>  
yasmin.bsantana@souunit.com.br

Alysson Santos Velames<sup>10</sup>  
alysson.velames@souunit.com

Aline Barreto Hora<sup>11</sup>  
aline.bhora@souunit.com.br

## RESUMO

O presente estudo é dedicado a um projeto de extensão idealizado com o intuito de discutir sobre a importância do entendimento das interseccionalidades no tocante ao acolhimento físico, mental e emocional e à inclusão de mulheres vítimas de violência. Nesse quesito, foi planejada uma intervenção no Instituto Social Ágatha, visando compreender como o fenômeno da interseccionalidade afeta não apenas a vida dessas mulheres, mas também sua autoestima e socialização. A partir disso, foram obtidos dados de 15 mulheres, mas participaram das dinâmicas o total de 25 pessoas. Então, por mais que o entendimento sobre esse fenômeno e seus desdobramentos sejam de conhecimento geral, ainda há certa dificuldade no entendimento das realidades diversas que cada um carrega consigo. Logo, o projeto foi de suma importância para o entendimento do contexto que envolve a violência contra a mulher.

## PALAVRAS-CHAVE

Mulheres. Interseccionalidade. Violência.

## ABSTRACT

This study is dedicated to an extension project conceived with the aim of discussing the importance of understanding intersectionalities with regard to the physical, mental and emotional reception and inclusion of women victims of violence. In this regard, an intervention was planned at the Ágatha Social Institute, with the aim of understanding how the phenomenon of intersectionality affects not only the lives of these women, but also their self-esteem and socialization. From this, data was obtained from 15 women, but a total of 25 people took part in the dynamics. So, although understanding of this phenomenon and its consequences is common knowledge, there is still some difficulty in understanding the different realities that each person carries with them. Therefore, the project was extremely important for understanding the context surrounding violence against women.

## KEYWORDS

Women; Intersectionality; violence.

## 1 INTRODUÇÃO

O fenômeno da violência contra a mulher apresenta caráter histórico e social, estruturando-se desde tempos primordiais e perpetuando-se até os dias atuais. Ela é baseada e influenciada pela desigualdade entre homens e mulheres, em que existe uma sobreposição da figura masculina em relação à feminina. Essa é uma das principais for-

mas de violência de gênero, a qual traz como consequências para as mulheres diversos problemas de saúde além da baixa qualidade de vida (Da Conceição; Medeiros, 2022).

A respeito do conceito de violência contra a mulher podemos afirmar que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) é “qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado”. Entende-se, portanto, que este apresenta-se como um problema alarmante de saúde pública mundial, em que é dever do Estado o da criação de políticas públicas para combatê-lo (Vasconcelos *et al.*, 2024).

Dados da OMS mostram que “uma a cada três mulheres – em torno de 736 milhões de pessoas – são vítimas de violência física ou sexual por parte de seu parceiro ou violência sexual por parte de um não parceiro”. Nas décadas passadas, no Brasil, não existiam muitos dados estatísticos abrangentes sobre a violência contra a mulher. A violência sempre existiu e apresentava muitos casos, mas poucos deles eram notificados, o que consequentemente fazia-os aumentar, pois não existia muita garantia de proteção para as mulheres que denunciavam os maus tratos (Sousa; Uchôa; Barreto, 2024).

No ano de 2006, tendo em vista esse cenário, a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) foi promulgada no Brasil e apresenta-se até hoje como uma importante ferramenta para a mulher, ajudando-a na proteção própria e dos seus direitos humanos à medida em que cria mecanismos com o objetivo de controlar e prevenir a violência de gênero. Em virtude disso, houve um aumento significativo nos casos notificados, pois mais mulheres passaram a ir em busca de ajuda, denunciando, dessa forma, os seus agressores para preservar sua vida, seu bem-estar e integridade pessoal (Sousa; Uchôa; Barreto, 2024).

Segundo um estudo de Bezerra e Rodrigues (2021) sobre violência doméstica e familiar, que tinha como objetivo mapear o perfil das vítimas e agressores e sua correlação com o espaço geográfico da cidade, além de seus fatores subjacentes, foram obtidos os seguintes resultados: a maior prevalência em mulheres solteiras de 26 a 34 anos; as principais ocupações das vítimas eram dona de casa e estudante, ou seja, majoritariamente dependentes financeiramente de seus agressores; as vítimas mais escolarizadas eram aquelas com maior tendência a realizar denúncias, enquanto as menos escolarizadas, por uma falta de conhecimento de seus direitos, demonstraram receio em recorrer às medidas legais; entre outros dados e fatores discutidos pelas autoras.

No que diz respeito à interseccionalidade, as autoras identificaram um problema com os dados da Pesquisa Social: sua não consideração da raça / cor de pele das denunciadas. Para chegar à conclusão de que elas eram em sua maioria negras, as autoras precisaram embasar-se “no ato do registro das denúncias nos boletins de ocorrência ou petições que anexam a foto da identidade das vítimas aos processos” (Bezerra; Rodrigues, 2021, p. 7). Isso demonstra que há uma necessidade de aprofundamento por parte das pesquisas no sentido de reconhecer o caráter multifacetado da mulher na sociedade brasileira, bem como de sua interface com raça, sexualidade, classe social, idade, entre outros fatores componentes da identidade. Assim, pode-se dizer que:

Intersecção corresponde à pluralidade, e, no enfoque da mulher, por exemplo, é fundamental a abordagem das questões de raça, orienta-

ção sexual e identidade de gênero, com o intuito de contrapor a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes. (Ribeiro, 2019 apud Lima; Rodrigues, 2020, p. 140).

Em contrapartida, há estudos como os de Fernandes e Junqueira (2021), que focalizam o ponto de vista masculino sobre a violência contra a mulher, revelando um cenário de indiferença perante o fator de gênero. Os entrevistados afirmaram haver uma equivalência entre a violência sofrida pela mulher e a sofrida pelo homem, cegando-se para a assimetria dessa relação.

No que diz respeito ao período pandêmico, Lima e Rodrigues (2022) afirmam que:

Durante o período de efetivação da quarentena compulsória e do isolamento social, logo no primeiro mês, em março de 2020, as denúncias cadastradas nos canais Disque 100 e Ligue 180 aumentaram cerca de 18%. (Lima; Rodrigues, 2022, p. ).

Logo, com os dados apresentados, é possível perceber que as vítimas não estão seguras nem mesmo em suas próprias casas, pois a maior parte das agressões e feminicídios ocorrem dentro dos lares das vítimas, pois é onde o agressor tem fácil acesso (Lima; Rodrigues, 2022). Todos esses dados expressam a necessidade de uma psicoeducação ao público geral e, principalmente, às mulheres que sofreram ou ainda sofrem quaisquer tipos de violência sobre as interseccionalidades envolvidas e a importância da criação e fortalecimento de redes de apoio no enfrentamento dessas situações.

Dito isso, o presente trabalho tem como objetivo principal compreender a importância da discussão e entendimento sobre a interseccionalidade para a criação de um grupo de apoio que possa incluir de forma igualitária as mulheres que foram vítimas de violência física, psicológica, sexual ou moral.

## 2 MÉTODOS

O presente artigo resulta de um projeto realizado no Componente Curricular Experiência Extensionista V, com foco na importância da interseccionalidade no acolhimento e inclusão de vítimas de violência. As ações foram planejadas com base nas demandas observadas durante a visita de campo e nos referenciais teóricos identificados na revisão bibliográfica.

O projeto foi dividido em duas partes, ambas com metodologias distintas. Inicialmente, com o objetivo de desenvolver o presente artigo para o componente curricular supracitado, foi realizada uma pesquisa acerca do tema para embasamento teórico das oficinas, bem como foram coletadas informações em diversas bases de dados como PubMed, Periódicos CAPES e SciELO, a fim de entender a realidade e o contexto que envolvem as vítimas.

Vale ressaltar que o local da intervenção foi modificado no meio do processo de desenvolvimento, pois não seria possível ter contato com o público na primeira instituição que foi realizada a visita diagnóstica. Diante disso, foi necessária a readaptação da intervenção que seria, inicialmente, no Grupo Ressurgir para a Instituição Ágatha, e ambos os locais trabalham no acolhimento a mulheres vítimas de violência.

Dada a pesquisa bibliográfica realizada anteriormente e no planejamento de nossa intervenção, foi proposto primeiramente, um momento de aplicação de um questionário sociodemográfico com fins educativos para ampliar o entendimento dos efeitos das interseccionalidades no entendimento da violência em nosso público alvo, sem a coleta de dados sensíveis, para a execução de uma ação focalizada e adaptada à realidade das pacientes, e portanto este questionário não precisou ser submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Após isso, foram desenvolvidas duas dinâmicas, uma em grupo e outra individual.

A dinâmica da “Teia de Aranha” requer um rolo de barbante e que as participantes estejam dispostas em um círculo, e é realizada uma atividade em que um primeiro participante é escolhido e este tem que escolher outro participante para passar o barbante e falar algo que admira nessa outra pessoa. Assim, o barbante vai sendo passado até a última pessoa e deve formar uma teia. Essa dinâmica tem o objetivo de incentivar a convivência em grupo, gerar conexões e reforçar redes de apoio.

Para a dinâmica “Espelho”, foi preciso apenas de uma caixa com um espelho dentro. Ela é realizada de forma individual, sendo assim, os participantes precisam olhar para dentro da caixa sem saber que vão encontrar um espelho e responder às seguintes perguntas: (1) Quais qualidades você enxerga nesta pessoa? (2) E quais os defeitos? e (3) Uma mensagem que essa pessoa precisa ouvir. Essa atividade tem como objetivo trabalhar a autorreflexão e a autoestima.

Por fim, foi feito um momento de descontração com a distribuição dos brindes e a entrega dos lanches. Além disso, aproveitamos a oportunidade para colhermos feedbacks tanto das profissionais presentes na intervenção como de algumas participantes do grupo.

### 3 RESULTADOS

Foi possível, levando em consideração o projeto aplicado, obter uma participação significativa do público-alvo. Como plano inicial, foram esperadas 15 mulheres, contudo, obtivemos a participação de 25 delas. A quantidade maior de mulheres participando do projeto ajudou no que diz respeito ao objetivo primordial do trabalho, que visou incluir essas mulheres de forma igualitária, criando entre elas um grupo de apoio em que pudessem ajudar umas às outras.

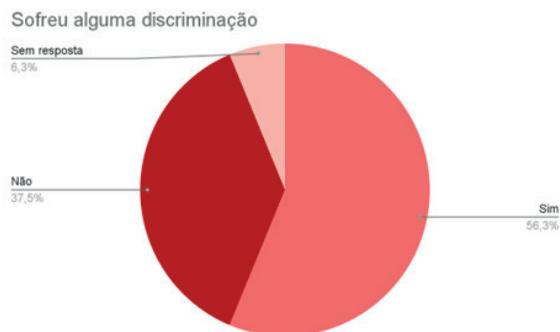
Inicialmente as participantes tiveram um momento com as psicólogas do local, abordando o tema da autoestima, o que ajudou a prepará-las para as atividades seguintes da intervenção, que também tinham como finalidade trabalhar a autoestima, além de promover a interação e conexão entre elas.

Outro ponto importante a ser ressaltado diz respeito ao caráter interseccional que o projeto apresentou. As mulheres presentes tinham entre 20 e 56 anos, sendo a maioria negras e pardas, solteiras e com filhos. Em relação a isso, Souza *et al.* (2024) discute que em seu estudo sobre a busca de ajuda por mulheres pretas que sobreviveram às violências por parceiros íntimos, mostrou que elas são desproporcionalmente mais afetadas por homicídios realizados por parceiros do que as mulheres brancas.

A respeito da vivência de discriminação no dia a dia, 56,3% das participantes afirmaram que sofrem, geralmente pela cor da pele, idade, condições financeiras e identi-

dade de gênero (GRÁFICO 1). Sobre esse aspecto, Silva (2010) relata que o preconceito e a discriminação estão diretamente ligados no que diz respeito ao preconceito ser esse julgamento prévio, sem ter o conhecimento mínimo sobre determinada pessoa ou situação, e a discriminação como essa atitude que cria um movimento de distinção entre os indivíduos e sobre eles também, tratando-os de forma injusta e desigual, afetando assim a sua forma de viver na sociedade.

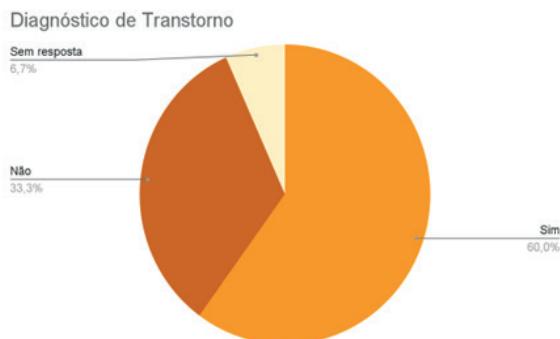
**Gráfico 1** – Quantidade de mulheres que sofreram algum tipo de discriminação



**Fonte:** Dados da pesquisa.

Vale ressaltar, ainda, que 60% delas possuem diagnósticos de transtornos mentais (GRÁFICO 2), sendo os mais relatados o Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) e Depressão. Nesse sentido, 66,7% delas já procuraram atendimento psicológico e veem o instituto do qual fazem parte como um local de grande apoio e acolhimento das suas necessidades (GRÁFICO 3).

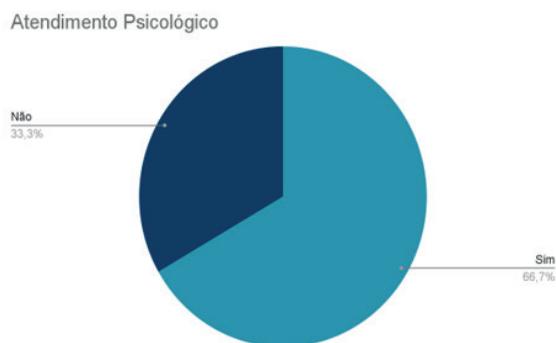
**Gráfico 2** – Quantidade de participantes que possuem diagnóstico de transtornos mentais



**Fonte:** Dados da pesquisa.

Nesse sentido, 66,7% delas já procuraram atendimento psicológico e veem o instituto do qual fazem parte como um local de grande apoio e acolhimento das suas necessidades (GRÁFICO 3).

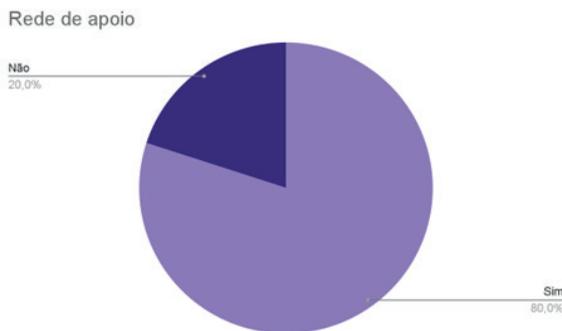
**Gráfico 3** – Quantidade de participantes que já fizeram atendimento psicológico



**Fonte:** Dados da pesquisa.

Além disso, um dado importante coletado foi o de que 80% das participantes possuem alguma rede de apoio, podendo ser a família ou o próprio instituto Agatha. O que se faz essencial para o acolhimento de vítimas de violência.

**Gráfico 4** – Quantitativo de mulheres que possuem rede de apoio



**Fonte:** Dados da pesquisa.

## 4 DISCUSSÃO

Trabalhar com uma temática tão delicada quanto a violência contra mulher — sendo ela física, psicológica ou qualquer outra — requer certa delicadeza com a forma em que a ação será realizada e, acima de tudo, em como poderá ser a recepção do público alvo com as temáticas a serem abordadas.

Compreender as interseccionalidades que compõem a identidade e as vivências das mulheres que sofreram ou ainda sofrem com contextos de violência se torna crucial nesse processo, pois como afirma Bellagamba (2022), a compreensão desse fenômeno é fundamental para entender as diferentes desigualdades que afetam as mulheres em nosso país.

Percebe-se, levando em conta os dados supracitados, que a maioria das mulheres presentes em nossa intervenção são perpassadas por algum tipo de interseccionalidade, sendo a sua maioria de cor ou condição financeira, e já sofreram algum tipo de discriminação por conta dela. Como destacam Sousa e Azevedo (2024), a dupla discriminação com base em gênero e cor traz consigo raízes históricas de dominação, conquista e apropriação social dessas mulheres, sendo estritamente necessário reforçar a perspectiva interseccional no campo das políticas públicas e no desenvolvimento de ações.

Por fim, há de se destacar a importância do trabalho que o instituto realiza com as mulheres acolhidas, pois eles focam não somente na integração dessas mulheres em sociedade – incluindo cuidados com a saúde física e mental, ensino para jovens e adultos e a inserção no mercado de trabalho –, mas também propõe uma metodologia de inclusão pautada na criação de grupos de apoio.

Essa estratégia não é algo recente no campo científico, visto que ela já foi proposta como possibilidade de intervenção na saúde pública por Moreira em 1999. Em seu estudo, a autora destaca que, por meio da interação direta entre mulheres vítimas de violência, algumas das principais potencialidades necessárias para o processo de enfrentamento do trauma e o fechamento do ciclo foram desenvolvidas e aprimoradas, o que reforça como o trabalho realizado na instituição estimula a criação e o fortalecimento dessa rede de apoio entre as mulheres para facilitar o processo de enfrentamento.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de extensão foi importante para o grupo, pois auxiliou no desenvolvimento de novas competências e formas de pensar e analisar o contexto da violência contra a mulher, entendendo os impactos psicológicos, físicos e sociais que perpassam essa problemática, além de reforçar aspectos importantes da psicologia social e das políticas públicas de saúde.

Avalia-se que os resultados obtidos puderam elucidar a construção de intervenções focalizadas nas pautas apresentadas, seguindo todo o rigor ético necessário e respeitando não somente as necessidades desse público que já viveu ou ainda vive algum tipo de vulnerabilidade, mas levando em conta também as limitações desse público.

Em suma, durante a execução do projeto, foi possível perceber que o objetivo com cada técnica e dinâmica utilizada foi alcançado. O grupo recebeu apoio significativo – tanto antes quanto durante a intervenção – da equipe presente e das participantes envolvidas, e mesmo que tenham surgido algumas dificuldades para a realização da ação, o impacto final foi extremamente positivo não somente para o público alvo e equipe do local, mas também para os integrantes do grupo.

Com base no que foi visto em artigos e em referenciais teóricos colhidos durante a etapa de pesquisas, nota-se que, quando se trata desse tipo de violência, não deve ser dei-

xado de lado as individualidades e histórias de vida de cada uma dessas mulheres, e que é preciso ter um olhar mais individual em relação a cada caso para que as ações propostas sejam focalizadas em trazer uma melhoria para o contexto no qual essas mulheres estão inseridas. O projeto contou com a adesão da grande maioria das mulheres, visto que houve feedbacks positivos daquelas que participaram ativamente das dinâmicas ofertadas.

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, Amanda Ribeiro; RODRIGUES, Zulimar Márita Ribeiro. Violência contra mulheres: o perfil da vítima e do agressor em São Luís-MA. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 41, p. e176806-e176806, 2021.

DA CONCEIÇÃO, Hayla Nunes; MADEIRO, Alberto Pereira. Profissionais de saúde da Atenção Primária e Violência Contra a mulher: Revisão sistemática. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 36, 2022.

FERNANDES, Rafael Lima; JUNQUEIRA, Telma Low Silva. Homens, gênero e violência contra as mulheres: reflexões sobre sentidos atribuídos às masculinidades. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 33, n. 2, p. 117-125, 2021.

LIMA, Sandra da Conceição da Silva; RODRIGUES, Jéssica Silva. **A violência contra a mulher na perspectiva da psicologia: uma revisão bibliográfica**. 2022.

SILVA, Sergio Gomes da. Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 30, p. 556-571, 2010.

SOUSA, Rosana de Vasconcelos; UCHÔA, Ana Maria de Vasconcelos; BARRETO, Maria Raidalva Nery. Fontes de informação sobre a violência contra a mulher no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, v. 147, n. 2, p. e-6628376, 2024.

SOUZA, Nascione Ramos *et al.* Violência contra mulher parda e preta durante a pandemia: revisão de escopo. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 37, p. eAPE00682, 2024.

VASCONCELOS, Nádía Machado de *et al.* Subnotificação de violência contra as mulheres: uma análise de duas fontes de dados. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, p. e07732023, 2024.



- 1 Acadêmica do curso de Psicologia, Universidade Tiradentes – UNIT.  
E-mail: ana.franca01@souunit.com.br
- 2 Acadêmica do curso de Psicologia, Universidade Tiradentes – UNIT.  
E-mail: beatriz.cpinto@souunit.com.br
- 3 Acadêmico do curso de Psicologia, Universidade Tiradentes – UNIT.  
E-mail: carlos.gmenezes@souunit.com.br
- 4 Acadêmica do curso de Psicologia, Universidade Tiradentes – UNIT.  
E-mail: heloisa.carolina@souunit.com.br
- 5 Acadêmico do curso de Psicologia, Universidade Tiradentes – UNIT.  
E-mail: luann.fernando@souunit.com.br
- 6 Acadêmica do curso de Psicologia, Universidade Tiradentes – UNIT.  
E-mail: mariana.mrocha@souunit.com.br
- 7 Acadêmico do curso de Psicologia, Universidade Tiradentes – UNIT.  
E-mail: pedro.omar@souunit.com.br
- 8 Acadêmica do curso de Direito, Universidade Tiradentes – UNIT.  
E-mail: rute.costa@souunit.com.br
- 9 Acadêmica do curso de Psicologia, Universidade Tiradentes – UNIT.  
E-mail: yasmin.bsantana@souunit.com.br
- 10 Acadêmico do curso de Direito, Universidade Tiradentes – UNIT.  
E-mail: alysson.velames@souunit.com
- 11 Doutora em Enfermagem; Professora, Universidade Tiradentes – UNIT.  
E-mail: aline.bhora@souunit.com.br

**Recebimento:** 5/6/ 2025

**Avaliação:** 19/7/2025

**Aceite:** 14/8/2025



<https://periodicos.set.edu.br/cadernobiologicas>

\*\* Uma publicação exclusiva para alunos de graduação dos cursos de ciências biológicas e da saúde da Universidade Tiradentes

Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.



**Unit** UNIVERSIDADE  
TIRADENTES

EDITORIA UNIVERSITÁRIA  
**TIRADENTES**

 **cadernos de  
graduação**  
ciências biológicas e da saúde